

# O silêncio do líder

**S**IM, é preciso repetir Machado de Assis, no começo das *Várias Histórias*, quando recorda a observação de Hamlet a Horácio, segundo a qual há mais coisas no céu e na terra do que onha a nossa filosofia.

Só por aí explicaremos o fecho da parábola da vida de Tancredo Neves desviado de seu caminho, subitamente, inexoravelmente para o longo martírio de um leito de hospital.

A um passo da solenidade de sua posse, uma força superior detém-lhe a ascensão. Não chegará até lá. Não terá o remate supremo de toda uma vida consagrada à vida democrática.

Já estão no Brasil todos os seus convidados estrangeiros. A roupa da posse está pronta. Pronta está igualmente a recepção no Itamarati. Nada falta. E é nessa hora que o destino, com seus pés descalços, tira Tancredo Neves de cena, para lhe dar outro ambiente, outra moldura, enquanto José Sarney tem de vir para o meio dos acontecimentos políticos e sociais, sob a luz de todas as lâmpadas.

Convém atentar para o fato de que o episódio que antecede, para Tancredo Neves, a mesa de cirurgia, é a solenidade na igreja de Dom Bosco — o Dom Bosco que espalha sobre Brasília os eflúvios de sua santidade. Ali bateu o sino mineiro para a inauguração de Brasília, sob a invocação de Tiradentes. E é no dia da morte de Tiradentes e do nascimento de Brasília que Tancredo Neves encerra a parábola de sua existência neste mundo.

Mais algumas horas, após a cerimônia da Igreja e ele teria tomado posse. Era preciso? Sim. Mas, para o mistério que nos envolve e nos conduz — não. Não, era preciso. Ali se encerrava a missão de Tancredo Neves, à revelia de todos os recursos da ciência médica e contrariando o fervor e a súplica de nossas preces. A parábola ia fechar-se. Nada poderia demover a determinação suprema.

Entretanto, houve um fato que tem de ser recordado para aureolar o mistério com outro mistério. Tancredo Neves, antes da posse, decide fazer a sua viagem de Presidente eleito. É acolhido presidencialmente. Abrem-se as portas dos Palácios para acolhê-lo. Acendem-se as luzes dos salões por onde ele passa. Formam-se as guardas de honra para recebê-lo. Como se Tancredo já estivesse no exercício da Presidência da República.

Estou em que o Supremo Mistério quis dar a Tancredo Neves a sensação objetiva da glória presidencial. A glória que lhe seria arrebatada. Tê-la-ia previamente, antecipadamente, porque não haveria tempo para que o líder vitorioso se empossasse. Desse modo, mesmo sem a solenidade da posse, teve Tancredo Neves a glória da Presidência da República — a glória que recolheu na praça pública, com os aplausos da multidão arrebatada, e que a viagem magnificamente completou, nos sucessivos encontros presidenciais, fora do Brasil.

Em 1981, numa entrevista política, o próprio Tancredo Neves reconlecia: "Minha biografia está completa. Já realizei minha vida."

Não era assim. O político, o homem público, o amigo, o companheiro e o patriota poderiam considerar-se realizados; mas a missão de Tancredo Neves não estava concluída.

O biógrafo futuro há de reconhecer que a missão suprema viria logo depois, com a transição do Governo de Minas Gerais para a campanha presidencial. É preciso não esquecer que a vitória de um político não advém apenas de seu pendor ao triunfo — decorre também dos erros e das

falhas de seus competidores. Esses erros e falhas abriram espaço à passagem triunfal de Tancredo Neves.

Em que consistia essa missão suprema? Em ser o construtor sereno e abalizado da transição política. Quem analisa, com a imaginação do futuro, o processo dessa transição, prontamente reconhece que Tancredo Neves é, a certa altura, não um pretendente à Presidência, mas o candidato natural. Com autoridade. Com folha de serviço. E sobretudo com o pendor — essencialmente brasileiro — da conciliação e da concórdia, sob a égide da autoridade.

A transição política, levando o Governo da República à concordância, e mesmo ao júbilo da derrota, só foi possível, nesta hora histórica, porque Tancredo Neves tinha consigo as virtudes e virtualidades para o papel que ia viver. Nada de revanchismos. Nada de ódios e ajustes de contas. Mas a superior visão de que a chefia do Governo é uma convergência de altos propósitos, inspirados na exata compreensão do momento que vai fluindo. Convergência de todos. Não de um partido ou de uma facção. Com a porta do Palácio do Planalto aberta à participação possível de toda a Nação.

A rigor, na véspera da posse, quando as dores o dilaceraram durante a missa na igreja de Dom Bosco, Tancredo Neves ainda precisa alongar um pouco a vida, cortada de padecimentos terríveis, para dar tempo a que seu sucessor natural fizesse a sua prova pública de que o destino também o preparara, com o seu talento, a sua experiência administrativa, o seu patriotismo e o seu senso de objetividade, para o exercício da Presidência da República.

É preciso olhar por esse lado o fecho da vida de Tancredo Neves. Ele abriu o caminho. Alargou-o em estrada real.

Enquanto Tancredo padece, padece o povo, padecem os seus familiares, padecem os seus amigos a tortura da esperança. Essa esperança é uma luz oscilante. Aumenta. Diminui. Volta a crescer. Parece dançar com o sopro da agonia. E outra vez se reaviva — enquanto a Nação, por entre súplicas e rezas, vai tendo a certeza gradativa de que a obra de seu líder já não depende dele, como condição humana. Existem as instituições. Existe a Constituição. Existe a consciência política do povo brasileiro, aprimorada pela campanha presidencial.

Por isso Tancredo Neves pôde morrer na data simbólica. Morre, e continua presente. Diante dele desfila o povo consternado entre as colunas do Palácio do Planalto. E a Nação continua o seu caminho, seguindo-lhe a lição. Tancredo mudou o curso da História. Sem alarde. Suavemente. E dele se pode dizer agora o que disse Rui, no elogio de José Bonifácio, quando recordou as palavras de Henrique III sobre o Duque de Guise: "Morto parece maior que vivo." E concluía, como nós todos agora concluimos, diante do ataúde de Tancredo Neves, sob o clarão das tochas funerárias: "É a mesma impressão que nos salteia diante desta sombra, enquanto procuramos calcular o que era José Bonifácio pelo que com a sua ausência deixamos de ser."

É preciso prosseguir. Prosseguiremos. O prático da barra conduziu o navio por entre os faroletes do porto, para entregá-lo ao novo piloto, nas ondas do mar alto. Vamos em frente.